

## **Boate Kiss – Mariana – Brumadinho: Ataques contra a humanidade e a natureza**

### **Ensaio sobre o traumatismo que atinge comunidades inteiras**

Boîte Kiss – Mariana – Brumadinho: Attacks against the humanity and the nature  
Essay about the traumatism that attempt entire communities

**Ariane Severo**

Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade  
Rua Mostardeiro, 888/702, Moinhos de Vento, 90430-000, Porto Alegre, RS, Brasil  
[arian@portoweb.com.br](mailto:arian@portoweb.com.br)

---

**Resumo:** O artigo trata das consequências politraumáticas: psíquicas, somáticas, sociais, culturais, dos crimes sócio-ambientais e contra a humanidade; traumas coletivos que atravessam gerações.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Trauma coletivo. Crime socioambiental.

**Abstract:** The paper describes some polytraumatic consequences: psychologicals, somatics, socials, cultural, of the crimes against the humanity; collective traumas that cross the generations.

**Keywords:** Psychoanalysis. Collective trauma. Social ambient crime.

---

### **Introdução**

Fomos confrontados, recentemente, com crimes ambientais e crimes contra a humanidade, ataques à dignidade que nos remetem a desligamentos psíquicos.

Há uma preocupação com a escuta de psicopatologias relacionadas com traumatismos psíquicos como: Boate Kiss, Mariana, Brumadinho. E o que será transmitido ao longo das gerações.

A presença da morte, a ameaça de morte e o ataque à integridade pessoal, são psiquicamente traumatizantes, um excesso para nosso psiquismo e que necessita ajuda multidisciplinar. Nos crimes ambientais ou humanitários, estamos falando de algo diferente de luto normal, de luto difícil. O luto é uma tarefa finita de elaboração de uma perda. No luto a cura se dá pela escuta da dor e a paciência e dignidade de acompanhar todo um processo lento e doloroso. Nos crimes socioambientais ou contra o humano, onde não se distingue mais o individual do coletivo, não pensamos em cura, não

existe cura para um trauma dessa dimensão. Buscamos algum tipo de elaboração que permita o reposicionamento ético e político de toda a comunidade e do Estado. Um reposicionamento crítico e ações que possam evitar a repetição de tais acontecimentos. “Elaborar não significa evitar, pacificar ou esquecer o passado, mas é uma espécie de negociação, um acordo com o trauma” (Kveller, 2018, p.229).

Precisamos ampliar nossa capacidade de intervenção. Refletir sobre novas perspectivas teóricas. Aprofundar o estudo de conceitos como: introjeção, incorporação, clivagem, trauma, vinculando cada vez mais psicanálise com práticas sociais, filosofia e arte em geral.

A presença do analista estabelece uma continência facilitadora. Possibilita uma perspectiva clínica sobre os estados patológicos de luto e traumas coletivos. Tentamos aprofundar nosso trabalho com ferramentas conceituais finas, variadas, permitindo a possibilidade de discernir o duplo funcionamento ligado à clivagem e de nos surpreender com o desconhecido. Terapias que possam favorecer o acolhimento e a tentativa de elaboração por um tipo de escuta diferenciada da clínica comum: Não se trata apenas de fazer falar nem de forçá-los a calar, nem apenas acolher ou insistir em uma elaboração. O horror não tem palavras.

#### Questionamentos:

O que as crianças que sofreram traumas coletivos guardaram na memória factual e inconsciente das palavras dos pais, do que testemunharam? Do que perceberam, vivenciaram? A que recalçamento, recusa, desinvestimento destinado a apagar os traços, mas também a que representações, inscrições psíquicas e corporais tal experiência pode dar lugar? A que elaboração psíquica esses casos podem ser submetidos? Serão encobertos pela amnésia infantil, da mesma maneira que a sexualidade infantil e a totalidade dos acontecimentos da infância? Sinceramente, consideramos que não.

Essas crianças vivem angústia e sofrimento psíquico incomensuráveis; elas têm apenas uma intuição confusa de suas causas, de suas perdas, depressão, luto. A dor cria uma tensão que vai se acumulando e sendo descarregada via muscular, glandular e, ao mesmo tempo em que ocorre a descarga, vamos criando marcas mnêmicas (memória, recordação), uma imagem representacional. No luto do qual estamos falando, há desprazer e impossibilidade de descarga.

Traumas coletivos impõem à criança violência e sofrimento que exigem um esforço de interpretação nem sempre fácil de manter. Se a experiência vivida é particularmente traumática, ela afeta, entrava o desenvolvimento psíquico.

## Genocídio

Em 27 de janeiro de 2013, na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, *Boate Kiss*: morreram 242 jovens e 623 ficaram feridos em um incêndio provocado por fogos de artifício acesos pela banda que fazia o *show* naquela noite. Às três horas e vinte minutos, o comandante dos bombeiros recebe a informação de princípio de incêndio. Em três minutos o corpo de bombeiros chega ao local e encontra um cenário de guerra. Havia superlotação: mil e cem pessoas, na maioria jovens, estavam naquele local com capacidade máxima para setecentas pessoas. Na prática, quem não saiu pela entrada em funil, bloqueada por grades de ferro, não teve a menor chance de ser salvo. Todas as outras portas e janelas estavam trancadas. O resgate iniciou-se às cegas, pela escuridão e densidade da fumaça. Quando um sargento dos bombeiros tentou entrar, deparou-se com uma muralha humana. Eram as vítimas empilhadas umas sobre as outras. Duzentas e quarenta e duas mortes por calor extremo ou asfixia com gás letal, mistura de cianureto com monóxido de carbono, liberado pela espuma que fazia o isolamento acústico. A fumaça era tão tóxica que levou a óbito após quatro minutos de exposição. O mesmo gás dos campos de concentração nazistas (Arbex, 2018).

Freud descreve a dor como “um raio que atravessa o sistema de representações” (Machado, 2013, p. 28, como citado em Freud, 1996, p. 341), deixando facilidades permanentes. O sistema perderia, assim, sua capacidade de armazenamento (incapaz de reter), havendo uma desconstituição dos registros. A dor contínua torna-se tóxica e impossibilita a projeção, a partir do Eu fragmentado. Se não pode ser projetada, não pode ser elaborada. Famílias desamparadas, dor hemorrágica. “O psiquismo degradado, no abismo do irrepresentável” (Machado, 2013, p. 29).

Não foram afetadas apenas as pessoas da comunidade. Existem ali mais de seis universidades; só a Universidade Federal de Santa Maria tem mais de vinte e cinco mil estudantes de diversos estados do Brasil e até de outros países (os intercambistas). “Mais de nove mil anos potenciais de vida perdidos, considerando uma expectativa de vida de 75 anos” (Arbex, 2018, p.104).

Os sobreviventes, familiares das vítimas, equipes de resgate e profissionais da área de saúde, nunca mais serão os mesmos. Foram tragados em poucos minutos pela irresponsabilidade e ganância. A comunidade de Santa Maria da Boca do Monte continua seu esforço coletivo para fazer da memória um instrumento de conforto e de respeito à dor de todos os pais que não verão mais seus filhos. O prédio onde a boate funcionava foi desapropriado em 2017 e deve ser transformado em memorial.

Nos campos de concentração nazista havia um critério, ainda que tênue, para escolherem qual porta do vagão abrir, entre os hábeis e os não hábeis. “Entravam no campo os que, casualmente, tinham descido de um lado “certo”; os do outro lado iam para a câmara de gás” (Levi, 1988, p. 21). Os jovens que estavam mais perto da única porta de saída, em forma de brete, tiveram alguma chance; os que saíram para o outro lado morreram empilhados nos banheiros. “E assim, de repente, à traição (...) desapareceram nossos filhos. Praticamente ninguém teve como se despedir deles” (Levi, 1988, pp. 22-23).

Nossa memória não é apenas individual: é uma construção coletiva. A memória é em parte herdada, mas também sofre flutuações que são em função do momento em que é articulada, e o momento em que está sendo expressa<sup>1</sup>. As preocupações momentâneas constituem um elemento de estruturação de memória. O que é gravado, recalcado, excluído, lembrado nessas situações traumáticas?

O que aconteceu em Santa Maria, Mariana e Brumadinho não será esquecido. Essas comunidades traumatizadas irão transmitir o que jamais será superado. As barbáries dos traumas coletivos se imprimem no inconsciente coletivo. Freud já nos alertava para a impossibilidade de elaboração de um trauma e sua relação com a psicopatologia.

Puget (2001) diz que a transmissão de eventos traumáticos introduz uma interrupção nas modalidades de intercâmbio. As pessoas, diante do imprevisto, acabam ficando incapazes de gerar formas vinculares adequadas. É como se a família congelasse em torno do evento e se desorganizasse. O horror que viveram se inscreve como memória traumática com tendência a se fixar, e criam-se novos conjuntos baseados na memória e esquecimento:

A memória traumática, que é pura fixação da experiência, propõe ao conjunto uma diminuição na produção de novas significações e modalidades de intercâmbio e de expressão em que se filtra a repetição, se bem que nunca igual à cena evocada, mas muitas vezes distorcida e incrementada (Puget, 2001, p. 77).

O que se transmite, segundo a autora, é “um não trabalho compartilhado, um buraco, uma trama congelada que se investe de uma qualidade ameaçadora no espaço vincular” (Puget, 2001, p.80). Janine alerta para algumas circunstâncias que induzem ao terror, que são desorganizadoras e rompem com a estrutura familiar.

Tratando-se de um trauma coletivo, essas injunções identificatórias terão que tomar vias diferentes do recalçamento para serem apagadas da consciência. Seu esquecimento produz buracos na memória, resultantes de uma recusa, de uma forclusão. Esse esquecimento vem geralmente

---

<sup>1</sup> Ver mais em: Pollak, M. (1992). Memória e identidade social (pp. 200-212). Rio de Janeiro: Estudos Históricos.

acompanhado de uma fixação hipermnésica em geral ininteligível, bizarra, desligada, mas que, no entanto, tem valor inconsciente de evocação e suscita uma angústia indizível.

Algumas pessoas não querem esquecer; poderiam perder a conexão com seus familiares. Outros não querem recordar; não aguentam tanto sofrimento. Uns falam, outros silenciam. Uns choram, outros adoecem, incham, perdem pedaços. São relatos de corpos abandonados, desesperados. Um terror sem nome. Angústias catastróficas. Ruptura traumática causada por um acontecimento que envolveu várias aldeias, cidades, um país... eu não sabia a melhor abordagem, não tinha experiência com esse tipo de trabalho. Precisava de todo o meu conhecimento, e todo o meu conhecimento era pouco. Reinventava-me para sobreviver a essa experiência (Severo, 2017, p. 40).

## O silêncio

“Há poucas coisas tão ensurdecadoras como o silêncio” nos diz Mario Benedetti<sup>2</sup>.

O perigo é o silêncio sobre tudo o que se viveu. Uma geração não consegue falar e a seguinte tem ainda mais dificuldade porque o silêncio se transforma em segredo, uma renegação de uma experiência fundamental, provocando clivagem<sup>3</sup> ou forclusão<sup>4</sup> parcial, que afeta todo o psiquismo. A geração seguinte corre o risco de ficar marcada por uma falha global, que afeta todo o desenvolvimento. Por isso a preocupação, especialmente com as crianças. O que era indizível para os pais, não pode ser adequadamente nomeado pelos filhos (Tisseron *et al.*, 1995). O que não pode ser legitimado pelos pais, não pode ser inscrito no inconsciente dos filhos. O que não pode ser introjetado será incorporado vivo. Permanece como um fantasma a assombrar-lhe, a interferir sem que saiba, a influenciar seus comportamentos, a produzir sintomas estranhos, angústias sem nome. Os sobreviventes destes traumas coletivos carregam uma história da qual são refêns. “Nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem”, afirma Levi (1988, p.32).

A experiência chocante que não recebe ouvidos, que é incompreendida ou que é respondida com um silêncio acaba transformando-se em um segredo impossível de compartilhar, guardado em

---

<sup>2</sup>Escritor uruguaio (1920-2009).

<sup>3</sup>Clivagem (do eu), termo introduzido por Freud em 1927 para designar um fenômeno próprio do fetichismo, da psicose e também da perversão em geral, e que se traduz pela coexistência no cerne do eu de atitudes contraditórias; uma que consiste em recusar a realidade (renegação) e outra em aceitar (ver mais em: Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). Dicionário de Psicanálise (p. 121). Rio de Janeiro: Zahar).

<sup>4</sup>Lembrando que nestes casos não é renegação, é forclusão. Renegação é um termo criado por Freud, em 1923, para nomear um mecanismo de defesa pelo qual o sujeito se recusa a reconhecer a realidade de uma percepção negativa. No Brasil usamos também o termo recusa da realidade. Forclusão é um conceito criado por Lacan em 1956. Mecanismo específico da psicose onde ocorre a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico. O significante forcluído não é integrado no inconsciente e retorna como se fosse uma alucinação.

uma cripta (aquilo que está oculto, velado, secreto, inatingível) e que se transmite ao longo das gerações.

Freud (1912) já nos ensinara que nenhuma geração é capaz de ocultar da outra seus processos anímicos de maior significação. Existe a necessidade de transferir-transmitir para outro aparelho psíquico o que não podemos albergar.

Na transmissão transgeracional não há metabolização psíquica. O indizível, o inominável, o inconfessável são transmitidos sem serem pensados, sem serem elaborados, sem serem simbolizados, com processos de repetição de geração em geração (Benghozi, 2001, p. 97).

No dia 5 de novembro de 2015 ocorreu o pior desastre ambiental do Brasil. As desastradas práticas gerenciais da Companhia de Mineração Samarco causaram o rompimento da barragem de Fundão que provocou uma enxurrada de lama com 62 milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração. Morreram dezenove pessoas. Destruíram o distrito de Bento Rodrigues, em Mariana, e atingiram 41 municípios na área e cidades ao leste de Minas Gerais e Espírito Santo. Na medida em que a lama atingiu os meios aquáticos, causou a morte de todos os organismos vivos pela falta de oxigênio ou obstrução das brânquias. Na região existiam 80 espécies de peixes nativos, 12 em extinção.

A bacia do Rio Doce é considerada uma das mais importantes bacias hidrográficas da América do Sul. O rio tem setecentos quilômetros e, com os afluentes, correspondem a mil e quatrocentos quilômetros de margens cujas matas têm que ser recuperadas. E a regeneração é muito lenta.

É importante lembrar que “o rio não é apenas água em movimento” (Severo, 2017, p. 144), mas também funciona como transporte de nutrientes para o mar, que acabam sustentando diversos organismos. Vários ecossistemas serão irrecuperáveis. Na foz do Rio Doce ocorre o encontro de correntes, formando um redemoinho. É uma área rica em nutrientes e reúne espécies marinhas de todo o mundo. Por isso, se torna ponto de desova de peixes. É o maior criadouro do Oceano Atlântico. É uma das regiões mais importantes do planeta. Impactos ecológicos prejudicaram a vida de mais de um milhão de pessoas, reduzindo o acesso à pesca, à água limpa, à agricultura, à produção de energia hidráulica, à produção de matéria-prima. A ameaça às populações ribeirinhas é particularmente crítica porque, além dos prejuízos mencionados, tornou-se vulnerável, ao longo do tempo, à exposição de metais pesados.

As pessoas atingidas pelo maior crime socioambiental da História do Brasil continuam desassistidas.

## **A perda**

Em Mariana, Minas Gerais, as pessoas permanecem em casas provisórias e a Samarco conseguiu adiar, na justiça, a reconstrução do município para 2020. Pessoas que viviam na zona rural e que perderam seus animais e plantações nos rompimentos das barragens disseram: “Toda a nossa vida estava ali. Quando me arrancaram da terra, perdi tudo. Há um rompimento de raízes tão profundo que dificilmente quem não tem contato com a terra entenderá” (Severo, 2018, p.50). Outro depoimento: “Nossa tradição foi arrasada por completo, sempre vivemos nestas terras. Nossa língua, nosso lazer, nossa pesca e até nossa religião estão associadas com o rio. Como será o futuro de nossos filhos?” (Severo, 2018, p. 146).

O que aconteceu em Mariana em 2015, e agora em 2019 em Brumadinho, provocou uma implosão catastrófica na identidade da própria comunidade. O que a empresa responsável pela mineradora fez, é comparável a um genocídio. A avalanche destruiu as casas onde as pessoas viviam, seus locais de trabalho, escolas, bibliotecas, arquivos, memórias, praças, lugares de culto, de produção agrícola, sepulturas, rios, animais, vegetação, laços sociais, laços de filiação; ao mesmo tempo tanto dos descendentes como dos ascendentes.

Mataram novamente os mortos, a memória dos ancestrais quando destruíram todo o patrimônio da natureza, o patrimônio cultural. A identidade coletiva foi enterrada viva.

Não se trata apenas de indenização, mas de reconstrução de uma identidade cultural que pertencia àquela comunidade. Lembrando a dimensão politraumática: psíquica, somática, social e cultural.

Como psicanalistas preocupamo-nos com ajuda no momento em que aconteceu o trauma, mas também com as gerações futuras. A comunicação com a geração que sobreviveu: a transmissão da dor, a transmissão do murmúrio, a transmissão do silêncio.

## **O espaço da casa, memória e identidade**

Em Brumadinho as pessoas evacuadas ou que perderam sua moradia estão abrigadas por parentes e amigos. A comunidade de índios Pataxós vivia em função do Rio Paraopeba que está morto e não pode mais prover a tribo. As análises confirmam contaminação por metais pesados como chumbo e mercúrio vinte e uma vezes mais que o limite permitido pelas normas ambientais. Disseram: “A água é tudo para a gente, não podemos mais usar para nada” (Record TV, 2019). A devastação ambiental coloca as tribos em risco. A população local perdeu tudo o que podia chamar de lar.

A palavra *home* (lar) reúne os significados de casa e família, moradia e abrigo, propriedade e afeição. *Home*, em inglês, significa casa, o lar, mas também tudo que estiver dentro ou em torno dela, assim como as pessoas e a sensação de satisfação e contentamento que emanava de tudo isso. Podia-se sair de casa, mas sempre se retornava ao lar (Severo, 2014).

A casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. A casa não é vivida somente no presente, nosso bem-estar tem um passado. Todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos convergem para um canto do mundo, que buscamos na memória e imaginação (Bachelard, 1987, pp. 24-25).

Em alemão a palavra *Heimweh* significa dor do lar, e foi traduzida para o português como saudade do lar.

A casa integra pensamentos, lembranças e sonhos. Deve nos dar razão ou ilusão de estabilidade. “Viver na casa é como alojar-se no próprio corpo, o corpo da mãe (...) A casa é um lugar simbólico, construído por processos de ocupação” (Rodulfo, 2004, p. 77).

Nossa casa nos protege e nos permite sonhar em paz;

...sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. (...) Antes de ser jogado no mundo, (...) o homem é colocado no berço da casa (...) A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa (Bachelard, 2005, pp. 25-26).

Habitar é ter um teto sobre nossas cabeças que nos sirva de proteção e abrigo e, mais ainda, a forma como criamos nossa existência diária no mundo, estabelecendo relações de identificação e pertencimento.

Cada indivíduo atribui significados e estabelece associações muito íntimas com o lugar que mora. No espaço da casa há um misto de imaginação e memória. A cotidianidade implica num nível de complexidade, pois define um espaço-tempo, lugar simbólico do vínculo. Na relação diária ocupamos lugares mentais e vinculares que são a projeção no espaço das relações estabelecidas e incorporadas como uma identidade. Nossa identidade está feita destes elementos. Nosso dia a dia ativa modalidades primárias de relação baseadas em ações estáveis, tais como ritmos. As visões humanistas e fenomenológicas nos ensinam que o habitar humano, ou o seu estar no mundo, está condicionado a laços de apego que se estabelecem com o lugar (Camargo, 2010).

Considero a casa, lugar onde moramos, o umbigo de nossa identidade. Nossa casa nos define como pessoa. Portanto, perder o lugar é perder nossa identidade, mesmo que momentaneamente. As identidades são processos dinâmicos que se constroem sobre o núcleo da tradição cultural herdada.

O senso de identidade somente pode surgir do contexto da cultura vivida e de sua historicidade inerente.

## **Trauma**

O trauma é descrito em Freud pelo seu aspecto patogênico, negativo, desconstituente de registros (Freud, 1927/2011). Do ponto de vista econômico, um excesso de sofrimento que o psiquismo não tem como processar. Do ponto de vista dinâmico o problema é a incapacidade de aceitar na mente, de interiorizar, e do ponto de vista tópico há fratura de continuidade psíquica, ocorrendo clivagem do Eu. Freud retoma o tema no final da sua vida no texto: *A divisão do Ego no processo de defesa* (1976b/1938) e afirma que *Verleugnung* é o mecanismo de defesa relacionado a um trauma psíquico. Freud fala da questão do compromisso entre partes conflitantes da mente; o preço para a realização dessa operação. O efeito do trauma é o preço que temos que pagar: uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa.

Qual é a especificidade do desmentido? A clivagem no Eu é o efeito imediato do desmentido. É a negação de algo que todos sabem que é verdade. O desmentido é a própria morte, é a impossibilidade de luto. Quando sinto angústia eu crio, simultaneamente, enquanto projeto, tento me livrar, o registro mnêmico da angústia (Freud, 1900/1989). Trata-se de uma tentativa rudimentar de expulsão do excesso para buscar o equilíbrio (prazer/desprazer). O despreazer eu sinto como Não Eu, é uma defesa primitiva usada em determinadas circunstâncias como no trauma. A angústia é acompanhada de descarga, há uma tendência projetiva de colocar para fora. Algo do interior, um excesso, é projetado para o exterior, para a superfície corporal, encontrando na via motora e humoral os canais necessários para descarga e alívio da tensão.

Freud deixa claro que na dor excessiva, tóxica e no luto de pessoas queridas, e em situações de trauma coletivo, a descarga está ausente. Há impossibilidade de elaboração de certas dores e lutos. A angústia torna-se traumática, não funciona como um sinal para que eu possa sair correndo, defender-me. Não ocorre esse alerta no Eu que faria com que buscássemos a descarga do sofrimento, uma ação específica, uma ajuda (Eros exige ruído de angústia; a psicose é branca, silenciosa).

Repetindo, do ponto de vista de Freud na dor e no luto encontra-se ausente o registro de descarga projetiva, a não ser como consequência ou reação. O que fica é o registro da desconstrução do registro. O que outros autores chamam de transformação no negativo. Em Freud o trauma é da ordem do desconstituente de registros. Mais tarde chamará de o irrepresentável (masoquismo

erógeno originário). Se a dor é especialmente contínua, tóxica, sua característica é a impossibilidade de projeção. O que retorna é a impossibilidade. É a condição do desamparo, e o Eu se fragmenta diante de tanta tensão, tanta dor. É o Colapso para Winnicott<sup>5</sup> ou o Eu dividido em Lacan (Machado, 2013).

Outro autor que trabalha com o conceito de trauma é Ferenczi:

De início há o choque, um acontecimento extraordinário que age de forma esmagadora sobre o sujeito sem que ele tenha condições de se mobilizar para reagir. O choque é equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de reagir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo (Ferenczi, 1934/1992, p. 109).

O choque inesperado deixa o sujeito desprovido de toda e qualquer resistência, ocorrendo um estado de passividade, de paralisia no nível do pensamento e da percepção. O caráter patogênico advém do desacreditado, desautorizado, do desmentido, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento (Ferenczi, 1931/2011a). “O traumático para Ferenczi não deriva apenas do acontecimento aterrorizante, mas também dos desencontros que vive o sujeito quando busca no outro um amparo simbólico para compreendê-lo” (Kveller, 2018, p. 150).

Em ambos os autores, a falta de ajuda da família, da comunidade ou Estado, lentifica, bloqueia ou aniquila o processo de introjeção dependendo das características psíquicas daquele que sofre. O trauma visto como um acontecimento divide a vida num antes e num depois.

O conceito de trauma coletivo, do ponto de vista da sociologia, é descrito como:

Um golpe nos tecidos básicos da vida social que destrói os vínculos que ligam mutuamente as pessoas e que causa um prejuízo no sentido existente de comunidade ...O Eu continua existindo, ainda que tenha sofrido dano ou mesmo mudança permanente. O Tu continua existindo, ainda que distante, e o Nós deixa de existir (Kveller, 2018, p. 156).

Levi viveu a dor e pode falar da capacidade humana “de colocar-se em uma toca, de criar uma casca, de erguer ao redor de si uma tênue barreira defensiva” (Kveller, 2018, p. 114), e da condição de fragilidade, de vulnerabilidade, do efeito no psiquismo do contato imediato com a realidade sem qualquer tipo de mediação por mecanismos psíquicos de defesa normais.

---

<sup>5</sup> Winnicott afirma no seu livro: *Explorações Psicanalíticas*, que em situações de trauma ocorrem fracassos ambientais. Situações em que os bebês são desapontados por um padrão de fracassos ambientais, guardam a experiência de ansiedades impensáveis ou arcaicas. Esses bebês podem conhecer a agonia da desintegração. Em outras palavras, experimentam o trauma e suas personalidades têm que serem constituídas em termos da reorganização das defesas que seguem os traumas, defesas mais primitivas, tais como a cisão. Um trauma, segundo Winnicott, é aquilo contra o qual um indivíduo não possui defesa organizada, de maneira que um estado de confusão sobrevém, seguido talvez, por uma reorganização de defesas num nível mais primitivo (p.201).

A clivagem do Eu é o efeito imediato do desmentido e funciona enquanto uma defesa tal como a negação e o recalque. Há a tentativa de apagar as marcas de um fato, tal como um criminoso tenta apagar as pistas da cena do crime (Kveller, 2018).

Levi (1988), em seu livro: *É isto um homem?* afirmou:

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes também perde a si mesmo (Levi, 1988, p.33).

### **A responsabilização pelo crime**

O fator traumatizante dos acidentes ecológicos está relacionado diretamente à declaração ou não de responsabilidade por parte dos seus agentes causadores. A Samarco contratou advogados caros e vem negando e reduzindo sua responsabilidade e adiando o pagamento das indenizações. Com esta negação da realidade, a comunidade fica desassistida.

A criança não encontra na família o apoio necessário para dar conta do que ocorreu. A comunidade também não oferece a contenção, pois também sofre a situação traumática. O Estado não oferece condições que possam favorecer a elaboração. Mostra-se, inclusive, despreparado para lidar com o trauma coletivo.

Sabe-se, pelo testemunho das pessoas, nas comunidades atingidas, que o fato traumatizante dos acidentes ecológicos está relacionado à declaração ou não da responsabilidade por parte dos agentes causadores. O processo, a pena, a indenização, permitem um ato moral de reconhecimento da violência sofrida, a legitimação desse sofrimento ou injustiça. Não se trata apenas de indenização, mas de reconstrução de uma identidade cultural que pertencia àquela comunidade. Lembrando a dimensão politraumática: psíquica, somática, social e cultural.

Os estudos e experiências demonstram a necessidade de uma articulação entre o psicoterápico, o trabalho social e o jurídico. É importante que Mariana, Brumadinho, Boate Kiss sejam considerados crimes contra a Humanidade.

Outros aspectos do trauma: A vergonha de ter sobrevivido funciona como uma espécie de desmentido inibindo as tentativas de compartilhamento de memória. Como ela sobreviveu? Ninguém sabia como... O que fazer? Tentar retomar a vida? Como? Aprendemos com o holocausto que foram necessários cinquenta anos para as vítimas poderem falar. “Calar-se era terrível, falar, impossível” (Severo, 2018, p. 146). As pessoas que vivem esses crimes contra a Humanidade sentem medo, sentimento de serem incompreendidas em seu sofrimento, que os outros não

suportem seu sofrimento, humilhação dessubjetivante, sensação de deslocamento, confusão e tantos outros sentimentos que dificultam ou não permitem que falem e silenciem. Não querer saber algo que é visto como ameaça. Não poder falar e não poder calar. Experiências atravessadas sem possibilidade de compreensão. Apesar de ter narrado, contado, escrito, publicado, a sensação de irrealidade nunca passou.

Quem assistiu ao filme sobre os doze anos de Mujica e seus companheiros na prisão<sup>6</sup>, sabe do que estou falando. De situações dessubjetivantes. Ou o recente documentário sobre a ditadura de Franco na Espanha: *O silêncio dos outros*<sup>7</sup>.

### **Um luto permanente**

Os corpos enterrados na lama farão com que os familiares não tenham o direito de enterrar seus entes queridos. Todos os corpos desaparecidos, que não tiveram seu próprio enterro, não possibilitam que a família tenha acesso ao ritual que permite o trabalho do luto. Os caixões vazios condenam a um luto permanente. Assim como a falta de responsabilidade jurídica pelas mortes.

Abraham e Torok (1995) já afirmavam que, onde não existe o túmulo, o trabalho do luto nunca termina. Pode ocorrer uma clivagem entre percepção e crença. Se não aparece o corpo, a pessoa pode estar viva, pode ter escapado, estar desaparecida; há subsídio para eu negar o que a realidade afirma. Há uma probabilidade de que...

Foi assim com tantos durante as ditaduras militares. Famílias procurando por anos, incansavelmente, seus filhos e netos. É o desmentido, a negação de tudo que todos sabem que é verdade.

Quem esquecerá aquela cena em Brumadinho da mãe e da filha, no alto do telhado que restava, e a tentativa de resgate em um helicóptero. Cena difícil de acreditar, de descrever. A violência da água fazendo o casebre desmoronar, ir sendo tragado pela avalanche. O cabo suspenso mais um pouquinho para a esquerda, mais baixo, cuidado! Vamos! A aproximação do helicóptero e a luta contra as águas que sobem vertiginosamente. O vento aumenta, dificultando o salvamento. A mãe agarra o cabo e a filha se aloja em suas costas para serem suspensas. Naquele momento não há escolha. Mas no instante em que saltam, não conseguem ser içadas imediatamente e são jogadas contra a barreira de água. O impacto dos corpos contra a onda de lama faz com que a menina se solte. Atônitos, vemos a mãe ser resgatada e a filha perder-se na fúria das águas. Quem ficou... Quem morreu...

---

<sup>6</sup> *Uma Noite de 12 Anos*, escrito e dirigido por Álvaro Brechner, 2018.

<sup>7</sup> Filme espanhol de Robert Bahar, Almudena Carracedo, Ricardo Acosta & Kim Roberts, 2018.

Aprendemos com Freud que a perda de um filho é um dano irreparável para o aparelho psíquico.

Pensem na natureza das resistências que habitam as questões do trauma. O traumático se expressa como um conteúdo ou uma história intangível, que não pode ser descrita ou imaginada integralmente. Há necessidade de um enorme trabalho psíquico intra e intersubjetivo no processo de transmissão transgeracional nos casos de traumas e lutos não elaborados.

### **Os sapatos**

Nos campos de concentração os sapatos eram questão de vida ou de morte. Nos trabalhos forçados, durante o inverno rigoroso, na neve, a sensação de umidade do pé ferido, descrito pelo sobrevivente de *Auschwitz*: “Tiro o sapato; está cheio de sangue já coagulado, grudado ao barro e aos farrapos do pano que achei um mês atrás e que uso para entourar os pés – um dia o pé direito, no dia seguinte o pé esquerdo...” (Levi, 1988, p. 62). Levi descreve o cálculo que precisavam fazer quando estavam na fila para saberem a hora exata de ficarem descalços. Não ficarem tanto tempo expostos ao frio, os pés no barro e poderem tirá-los sem rasgar os pés em chagas e nem perderem a vez, já que era rigorosamente proibido entrarem de sapatos. “Entrego os sapatos no depósito e retiro o correspondente recibo. Logo, descalço e claudicante...” (Levi, 1988, p. 64). Ou quando escreve a frase gritada pelo nazista: “Quem tem sapatos rotos? E já se desencadeia a barulheira dos 40 ou 50 aspirantes à troca, que se precipitam rumo ao Tagesraum numa corrida maluca: bem sabem que só os primeiros dez, no melhor dos casos, serão atendidos” (Levi, 1988, p. 83). Ou quando inicia mais um dia de trabalho: “Desço até o chão, ponho os sapatos. Reabrem-se as chagas dos pés. Mais um dia começa”(Levi, 1988,p. 91). “Já apareceram, no peito de meus pés, as torpes chagas que nunca irão sarar” (Levi, 1988, p. 48).

... Esta manhã o Kapo fez a divisão dos grupos... e eles se vão, arrastando os pés, bem devagar porque o cloromagnésio é um trabalho pesadíssimo: passa-se o dia todo com água na altura dos tornozelos, uma água salgada e gelada que corrói os sapatos, as roupas e a pele (Levi, 1988, p. 201).

Sem sapatos ninguém sobreviveria. “A morte começa pelos sapatos. Eles revelam para a maioria de nós, verdadeiros instrumentos de tortura que, após uma hora de marcha, criam feridas dolorosas, sujeitas a infecções” (Levi, 1988, p. 44). Por isso, quem visitar os campos de concentração encontrará pilhas de sapatos e saberá o que significam. “Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos ..., roubaram até o nosso nome” (Levi, 1988, p.32). A perda de tudo “das coisas que fazem parte de nós, como órgãos do nosso corpo” (Levi, 1988, p. 33).

Por que estou falando disso? Porque pilhas e pilhas de sapatos, principalmente femininos, muitos com o salto quebrado, não identificados, foram levados para o fundo do ginásio, onde colocaram os corpos dos jovens em Santa Maria. Algumas mães acreditaram que perderam suas filhas por causa dos sapatos de salto alto. Rapazes tinham lesões provocadas por saltos femininos. As meninas estavam mais machucadas e, a maioria, descalça.

### **Acumulação de cadáveres**

Consideramos que Boate Kiss, Mariana e Brumadinho correspondem também a um ataque psíquico traumático por atingirem a dignidade humana, principalmente com relação à morte. Quando os familiares entraram naquele ginásio da Brigada Militar e encontraram mais de duzentos corpos: dispostos em filas, escuros pela fumaça, se confrontaram com o horror da indiferenciação ante a acumulação de cadáveres.

Como as macas estavam sendo usadas nos hospitais, os mortos foram colocados sobre a lona, e, diante da quantidade de gente, acabaram sendo empilhados uns sobre os outros. Quando o caminhão foi totalmente ocupado, a Capitã Liliane, da Brigada Militar, contabilizou cerca de sessenta óbitos.

Porém, ao retornar ao interior da boate para dar continuidade ao trabalho de retirada das vítimas, uma enfermeira foi surpreendida pelo número de pessoas que ainda havia na casa noturna. Ao todo, o caminhão da Brigada Militar realizaria oito viagens para concluir o transporte dos corpos, uma realidade estarrecedora. Eles seriam contados no ginásio, mas pelos cálculos iniciais, pelo menos duzentos mortos foram retirados da boate, mais da metade nos banheiros masculino e feminino.

Acostumados a fazer o transporte de material, motoristas da Brigada nunca pensaram que um dia carregariam cadáveres ... (Arbex, 2018, pp. 89-90).

A enfermeira pergunta à capitã, diante das vítimas que ainda não tinham sido retiradas do caminhão:

- Mas como eu faço isso?

- Eu também não sei, respondeu Liliane: Puxa eles!

Márcia não teve tempo de pensar se estava preparada para aquela tarefa, apenas fez o que parecia inacreditável: ajudou a descarregar 233 corpos. Ao puxar os cadáveres pelos pés e pelas mãos, não tinha noção de quem levava para dentro do ginásio. Eram tantas as vítimas, que ela não conseguiu mais fixar sua atenção nas características individuais... (Arbex, 2018, p. 98).

As famílias tiveram que lutar pelo direito de velar seus mortos. Faltava vela, flor, caixão, cova para os entes queridos.

Vala comum, como nas guerras, no Holocausto, em Mariana e Brumadinho os corpos reduzidos a rejeitos de mineração, lixo tóxico, podridão, perdendo seu caráter humano. A existência de valas comuns e a ausência de ritual do luto contribuem para este efeito particular de desligamento psíquico, remetendo a uma massificação da morte anônima, mesmo a uma indiferenciação do orgânico e do mineral, do morto e do vivo (Kveller, 2018).

Até o dia 25 de abril de 2019, três meses depois do rompimento da Barragem de Feijão, em Brumadinho (dia em que concluímos este artigo), foram registrados 221 mortos, 75 desaparecidos e muitos desabrigados e feridos.

A comunidade de Santa Maria luta para que seus mortos não sejam esquecidos. Exibem fotografias, mostram o rosto dos jovens assassinados, as faculdades que cursavam, idade, nome e sobrenome. Luta contra o anonimato do número, contra o esquecimento e exige punição dos culpados.

Em Brumadinho, o trabalho do Corpo de Bombeiros, depois de três semanas, passou a ocorrer por terra. Como a lama se solidificou, os agentes da corporação vão abrindo rastros na procura de corpos. Os helicópteros estão sendo usados para buscar esses bombeiros e os corpos que eles encontram em meio à lama. Os familiares vivem a expectativas de conseguirem enterrar os seus mortos (Record TV, 2019).

Sabemos que a massificação, a perda da individuação converte-se em um ataque à dignidade humana, um ataque contra o simbólico. Por isso a necessidade de associação neste contexto de traumas coletivos, de uma ação de psicoterapia, sociocomunitária e jurídica. Aprendemos que uma das funções do tribunal, com o julgamento, é fazer a inscrição no tempo e no espaço. O julgamento dos culpados permite assegurar ao humano uma função de memória. “O julgamento dos culpados é um ato de restituição, de alguma possibilidade de desconstrução-reconstrução, que alguma transmissão que seja algo diferente do eterno retorno daquilo que chamamos pulsão de morte” (Kveller, 2018, p. 156).

O reconhecimento da crueldade dos delitos, da negligência, da preocupação apenas com o lucro, da impunidade é necessária, é urgente. É um ato moral de reconhecimento da violência sofrida, que pode levar a uma legitimação desse sofrimento ou injustiça. Só assim podemos pedir perdão, como brasileiros, por termos deixado acontecer tamanha ignomínia. Somente com a punição dos culpados em todos os níveis, podemos digerir nossa vergonha pelo que aconteceu. E sentir que nosso pedido de perdão foi adequadamente pedido, ritualizado, não como uma concessão irregular de alvará ou doação.

“Senhor Deus dos desgraçados, dizei-me vós senhor Deus, se eu deliro ou se é verdade, tanto horror perante os céus...”. Sim, é Castro Alves com o seu e nosso *Navio Negreiro* (Alves, 1983, parte V, 1ª estrofe).

## Referências

- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A Casca e o Núcleo*. São Paulo: Editora Escuta.
- Alves, C. (1983). *Os melhores poemas de Castro Alves*. Seleção e apresentação Lêdo Ivo. São Paulo: Global.
- Arbex, D. (2018). *Todo dia a mesma noite – a história não contada da boate Kiss*. Rio de Janeiro: Editora intrínseca.
- Bachelard, G. (1987). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Livreiro.
- Benghozi, P. (2001). Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias: desemalhar e reemalhar continentes genealógicos familiares e comunitários. Em Correa, O. (Org.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional* (pp.89-100). São Paulo: Escuta.
- Camargo, E. N. (2010). *Casa, Doce lar – o habitar Doméstico Percebido e Vivenciado*. São Paulo: Annablume.
- Ferenczi, S. (1931/2011a). Análise de crianças com adultos. Em S. Ferenczi, *Obras Completas* (Á. Cabral, trad., 2ª ed., Vol. 4, pp. 79-95). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1934/1992). Reflexões sobre o trauma. Em S. Ferenczi, *Obras Completas* (Á. Cabral, trad., 2ª ed., Vol. 4, pp.109-118). São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Freud, S. (1895/1996). Projeto para uma psicologia científica. Em Edição standard das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 335-454). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1900/1989). A interpretação dos sonhos. Em S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (J. L. Etcheverry, trad., Vol. 5, pp. 504-611). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1912/1976). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. Em: Edição standard das *obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 12; pp. 145-159). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1927/2011). Fetichismo. Em J. Strachey (Ed.). *Obras completas* (J. L. Etcheverry, trad., 2ª ed., Vol. 21, pp. 141-152). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1976b/1938). A Divisão do Ego no Processo de Defesa. Em Edição standard das *obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 309-313). Rio de Janeiro: Imago.
- Kveller, D. B. (2018). *Vocês ainda estão vivos? Fragmentos sobre trauma, memória e herança*. Porto Alegre: Criação Humana.
- Levi, P. (1988). *É isto um homem?* (L. Del Re, trad.) Rio de Janeiro: Rocco.
- Machado, R. (2013). *Rapsódia em Agosto uma reflexão sobre a elaboração traumática transgeracional – Variações sobre temas em psicanálise*. Porto Alegre: Movimento.
- Puget, J. (2001). *Disso não se fala... Transmissão e memória*. Em Correa, O. B. R.(org.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. Rio de Janeiro: Escuta.
- Record TV. (2019, fevereiro 11). Recuperado em Abril 18, 2019, de recordtv.r7.com: <https://recordtv.r7.com/camera-record/videos/equipe-do-camera-record-acompanha-bombeiros-na-operacao-de-resgate-em-brumadinho-11022019>.

- Rodolfo, R. (2004). *Desenhos fora do papel: da carícia à leitura-escrita na criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Severo, A. (2006). Sobre o sujeito na herança transgeracional. Identificação: a via régia da transmissão psíquica. Em Piva, A. (org.) *Transmissão Transgeracional e a clínica vincular* (pp. 123-142). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Severo, A. (2006). Transmissão psíquica e identificações alienantes. Em Piva, A. (org.) *Transmissão Transgeracional e a clínica vincular*(pp. 265, 284). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Severo, A. (2014). *O Suave Mistério Amoroso*. Porto Alegre: Editora AGE.
- Severo, A. (2017). *Nina: Desvendando Chernobyl*. Porto Alegre: Editora AGE.
- Severo, A. (2018). *Nina: Desvendando Chernobyl (2ª.ed.)*. Porto Alegre: Editora AGE.
- Tisseron, S., Torok, M., Rand, N., Nachin, C., Hachet, P., & Rouchy, C. (1995). *El psiquismo ante la prueba de las generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Winnicott, D.W. (1989). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.